


STANFORD UNIVERSITY
LIBRARIES

HOJE

SATYRAS, CANÇÕES
E
IDYLLIOS

BULHÃO PATO

HOJE

SATYRAS, CANÇÕES
E
IDYLLIOS

Raymundo Antonio de B[illegible]

LISBOA
TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
1888

Á MEMORIA DE QUANTOS AMEI

E AOS AMIGOS QUE AINDA ME RESTAM

Offereço este livro

Nas satyras ha fel, odios felinos?
Nas minhas não. Ha dôr: são elegias.
Chora a sorte cruel dos pequeninos,
Quem flagella os mandões dos nossos dias!

Abril, 6, 1888.

SATYRAS

O GRANDE MAIA[1]

Á ULTIMA HORA

Com que então tambem tu te voltas para cá,
Ladino empolgador dos cobres do Zolá!
Bazilio fanfarrão!—Proclama as tuas glorias
Co'a prima... no papel, porque no mais... *historias!*

Realista ideal, o sexo feminino
Deu-te na balda ha muito, e troça-te, menino.
Deixa para o Zolá o *documento humano,*
Que n'essa erudição não passas d'um profano.

Maganão! Nunca vi quem fosse tão ingrato!
Em tempos procurei fazel-o a um certo trato.
Tinha um sabor montez, uns geitos de furão,
Como inda agora tem, quando entra 'num salão.

---

[1] Esta satyra, escripta depois de completo este livro, não faz parte d'elle, embora o acompanhe, e não figura, portanto, no indice. *B. P.*

Quem quizer apreciar como lhe dava o faro
Do mimo, da elegancia, acuda ao *Padre Amaro!*

Punha a faca na bocca! Um dia, n'um jantar,
Se lhe não tenho mão, cortava a jugular!
No resto inoffensivo, e grande entendimento;
Mas em coisas d'*élite* o typo d'um choquento.

Nunca poude caçar—e com tamanha pratica!—
Nem visos de bom ar, nem sombras de grammatica!
Pois tem o Victorino, um famulo Aristarcho,
Que ha de ser no futuro, um dia, o seu Plutarcho!

*

Veiu o romance, emfim! Eis o famoso estudo!
Com Ponson du Terrail o contubernio em tudo!
A critica o dirá. Pompeia manifesto
Todo o velho arsenal! Até nem falta o incesto!

Mas na linguagem... Sim—campa como o primeiro!
Portuguez a valer... na bocca d'extrangeiro!

Dez annos chafurdou n'aquella palhaçada,
Trabalho capital de *genio* e de massada!

Eu trato *como irmãs* ás minhas conhecidas:
Ás suas elle não—trata-as como perdidas!
Conheço paes e avós:—elle, com o seu monóculo,
Conhece a sociedade, ha dias, por um oculo!

Tambem me chama pobre! A *affronta* da pobreza—
Até por elle proprio—encheu-me de tristeza!...
Nos fumos da philaucia, em summa, o coitadito,
Já começa a bailar na dança de S. Vito!

Vinte annos lhe apertei cordealmente a mão.
Suppuz que era um amigo. E morde-me, o vilão!
Obriga-me, cachorro, a rebaixar o estylo!
Mas que lhe hei de eu fazer, tratando-se d'aquillo!

*

Fraldiqueiro saltão, tu dizes ás inglezas
O que dizes no livro ás nossas portuguezas?
Que te agradeça a patria, honrado consular,
O brilho que tu dás á fama do teu lar!

Das brumas d'Inglaterra, ó bravo patriota,
Brindas o teu paiz, chamando-lhe idiota!

Qualquer homem de bem, na justa indignação,
Ou censura ou castiga os vicios da nação.
Mas D. Bazilio... Não—digo—ao Primo Bazilio
Cheiram-lhe as podridões a flôres d'um idyllio!

Cigarra de vaidade, o escrevedor colosso,
Rilhando portuguez, como um cão rilha um osso,
Sae-se agora a cantar-me em chocarreiras lendas!...
Vá cantar para a Sé, que lhe não faltam prendas.

*

Basta de gracejar. Escuta, miseravel:
Contra o meu coração, vou ser inexoravel.

Vens de Bristol aqui para te banquetear
Nas casas que, *escrevendo,* ousaste calumniar!
E á irmã, e aos dois irmãos, deixaste-los morrer,
Sem que, na despedida, os tres podessem vêr
O brazão do seu berço, o irmão, a sua gloria!

Deu-te a infamia o porvir!... Tens um logar na historia!

Agosto 2, 1888.

NA BOA HORA

Entremos os umbraes do templo da justiça.
As paredes, o chão, a luz sempre mortiça...
Que templo em Portugal! Parece uma enchovia!
Alli ao trivial a sordidez se allia!
Nada que infunda em nós nem sombra de respeito!

Sobre o banco dos réos, alvorotado o peito,
O olhar timido, vago, e pouco intelligente,
Assentava-se um réo ainda adolescente.

Servira n'um padeiro. Ao padeiro, talvez,
Ninguem leve a melhor em pontos de honradez,
A não ser o tendeiro, o grande cidadão!

Havia muito, pois, que estava na prisão
O moço delinquente. A coisa era gravissima:
Roubara ao seu patrão, pessoa meritissima,
Cerca de tres mil réis!

Fallou o delegado,
E deixou entrever que o pobre desgraçado,
Que praticara o crime, ainda talvez podia
Entrar em bom caminho e redimir-se um dia!

Homem recto, o juiz, e ao mesmo tempo humano,
Fez sentir que o rapaz, já preso havia um anno,
Olhando ao seu passado e olhando á sua edade,
Se podia julgar com certa lenidade.

Tudo isto foi em vão. O jury, n'esse dia,
Representava a flôr da ranço-burguezia:

Gente limpa, abastada, e séria, e previdente!
Um jornalista pobre estava lá sómente.
Esse implorou, bradou em prol do miseravel.
Foi bradar no deserto—o jury era implacavel!

—Houve abuso. Pois bem, zelemos a fazenda!
Clamava enfurecido o dono de uma tenda,
Modelo de honradez em dar o peso exacto.
—Provemos a aggravante; aqui julga-se o facto!

Em se provando o abuso a lei não tem clemencia.
Podia tel-a o jury, a n'elle haver consciencia!
Para a Africa o réo!

Depois de se ouvir ler
A sentença cruel um grito de mulher,
Um soluço, um gemido, uma coisa mortal—
A tragedia n'um ai—soou no tribunal!
Era a mãe do rapaz!

Aquelle bom padeiro,
Perseguidor do réo, e o rispido tendeiro,

Onde ella ia comprar — alguma vez fiado —
Em premio do favor, pesavam-lhe roubado!

.

Chegando as eleições, a pouco trecho d'isto,
Apanhou cada um seu habito de Christo!

Maio de 1878.

LYSIA POETICA

Venha, sim, tem de vir quanto antes, a republica,
E o petroleo tambem. D'accordo. A gente publica,
No alvor da mocidade, é peior, é mais vil;
Traz no sangue do berço a gangrena senil.

Tudo que sae a flux das camadas sociaes,
Grande ou pequeno, egual,—provém dos tremedaes.

O par vende o seu voto: o operario tambem!
O politico bom suicida o homem de bem.

A imprensa, que profana a coisa mais sagrada,
Um banqueiro qualquer a traz amordaçada!
Ella, ás vezes, tambem amordaça o banqueiro:
Ambos adoram Deus no templo do dinheiro!

Tal homem no poder é lacaio do Paço:
Depois vem para a rua, e chama a el-rei devasso!

A donzella ideal offerta ao que tem mais
A pudibunda flôr dos peitos virginaes;
E a casada, arrastando a cauda do vestido,
Arrasta pela praça as barbas do marido!

O lazarista audaz palpa na sacristia
As carnes sensuaes das Servas de Maria!

Cambaleia, coitado, o velho Portugal,
Entre a orgia mundana e a orgia clerical.

Quando o dia chegar, petroleo abençoado,
Põe-me fogo de vez n'este paiz gafado!

Agosto 2, 1881.

EM BOM CAMINHO

Hão de fazel-o Par. Dos Pares vitalicios.
Republicano bom deu brado nos comicios;
Porém o sangue azul corria-lhe nas veias,
E o sangue puro-azul repelle essas ideias.

Negou a Christo Pedro, e Deus compadecido
Deu as chaves do céo a Pedro arrependido.
Voltando á monarchia, o nosso heroe, talvez,
Chave de camarista apanhe alguma vez.

No entanto é já varão de assignaladas partes;
Cita muito allemão; cultiva as bellas artes,
Do mundo da sciencia os mananciaes diversos,
As musas juntamente, e sempre errando os versos!

Para um alto logar ouvi que vão propol-o.
É critico tambem, tatibitati, e tolo.

Março 7, 1886.

O NEGREIRO



Pois ha de me passar despercebido,
Ao lado da mulher, que arrasta a cauda
Pelos salões com impudor esplendido,
Aquelle regatão de carne humana,
Que andou pelos Brasís vendendo escravos,
Sem que uma alma christã lhe desse em cheio
Com um maço rodeiro em plena testa?!

Exercitou na infancia a gatunagem,

E na edade senil, colmado de honras,
Tem dez crimes ou mais de galeote!!

O velho Juvenal já me dizia,
Que, á mingua do talento, acode aos versos
A justa indignação de honrados animos!

Emquanto o fisco me malsina as lettras,
Arrancando-me a pelle a seu talante,
Ha de aquelle chatim da vil Manilha,—
Que tem voto nas grandes assembléas,
E que á porta da egreja e dentro d'ella,
Em vindo as eleições, me compra brancos,
Como vendia pretos,—escapar-se
De pagar fôro dos milhões sanguentos!

—Então isto é assim?—É tal qual isto!
E não hei de eu clamar que venha um dia,
E, se preciso for, a ferro e fogo,
Um governo qualquer de gente séria,

Que aferre d'este e d'outros scelerados,
E os obrigue a entregar quanto empolgaram?!

É marcal-os na espadua, e acorrental-os
Aos bancos das galés, como bandidos.

Oh! quando chegará emfim tal dia?...
Mas não!—Á fome e sede de justiça,
O homem de bem n'este paiz succumbe!

Fevereiro 2, 1883.

O CHRONISTA

Não dos annaes da patria... Em tiras de papel
Golfa, reptil procaz, de dia a dia o fel!
Marcou-o na figura a mão do acaso ignoto.
Rachitico lá vae: lá vae fazendo voto
De vingar o aleijão. Convem-lhe; arma á piedade:
Pode sem risco algum morder na humanidade!

Em lettras?... De pasmar!—Não só vigor de estylo,
Mas graça, engenho, luz, pujança em tudo aquillo!

Gatuno genial com genial descaro,
A empolgar do francez é que é talento raro!

Torpe, acurvado, sujo, entra nas redacções,
Onde sempre deixou vestigios das acções,
E aos que hontem conspurcara implora lamuriento;
Agarra-se viscoso, e logra o seu intento.

Cão de fila, rosnando, enrosca-se, e comsigo,
Busca damnar, na sombra, a fama d'um amigo!

Alguem d'animo honrado, ao vel-o andar faminto,
Offertou-lhe o seu lar. No fraternal recinto
Metteu-se o escorpião. Sentou-se áquella mesa,
Parca, porém risonha, e posta com franqueza.
Depois de cavilar, e de não ver maneira
De infamar a mulher, da casa hospitaleira,
Entrou pela calumnia, e com tal arte o fez,
Que sabe Deus se alguem o acreditou talvez!

Lacrimoso refere a causa da peçonha
Em que se anda a babar. Diz que lhe foi medonha,
Logo ao entrar no mundo, a lucta pela vida.
Perdera inda na infancia a mãe estremecida!
Desamparado e só! Quasi a morrer á mingua!

E então volta-se ao pae co'a trifarpada lingua!!

Maio, 1886.

OS ROMEIROS

CANTO DAS ARREPENDIDAS

EM ROMA

'Senhor! Nos dias prosperos
Da nossa adolescencia,
Quando nos seios turgidos
A petulante essencia,
Seiva da juventude,
Nos impellia a amar,
Julgavamos virtude
Peccar, peccar, peccar!

O tentador espirito,
Em homem transformado,
Com magos sortilegios
Nos tinha allucinado!
Das mundanaes caricias,
Buscavamos então
As soffregas delicias!
Perdão! perdão! perdão!

Os apertados cilicios
Hão de levar a melhor,
E, com muitos sacrificios,
Um resto de certos vicios
Extinguiremos—Senhor!

Vaidades pecaminosas,
Qual futil amor de mãe,
Ou profano amor de esposas,
N'esta Roma das Vanosas
Engeitaremos tambem.

Levanta o collo insolente
O povo, que não tem pão.
Horda vil, plebe indecente!—
Atira ao fogo a serpente,
S. Domingos de Gusmão!

Suprema força resuma,
Teu infallivel poder!
E da sciencia, uma a uma,
Caiam quantas leis em summa,
Os impios possam fazer!

A teus pés, sobre esta alfombra,
Corram thesoiros a flux.
O enorme trabalho assombra!
Mas trabalhamos á sombra,
E elles trabalham á luz!

Usamos de um bom processo;
Porém, tardio—Senhor!

Ao passo que o vil progresso
Anda sempre pelo 'Expresso'
Nos comboios a vapor!

Como inda ha pouco na Hespanha,
O sangue, o sangue em caudaes,
Chegue do valle á montanha;
Que o céo bemdiz esta sanha
De perseguir liberaes!'

Terminada a oração, como se vê, piedosa,
Debulhadas em pranto, as servas do Senhor,
A Virgem Mãe de Deus, a Immaculada Rosa,
Invocaram tambem, e com egual amor!

....

Era quasi sol posto. Um raio inda incendido
Entrou no templo enorme, e veiu illuminar
A Christo Redemptor, que alli, quasi esquecido,
Longe de sua Mãe, erguia compungido
A fronte para o céo, co'as lagrimas no olhar!

CANTO DAS VIRGENS FANATISADAS

ABANDONANDO A FAMILIA

'Virgem pura, Pomba Mystica,
Baixa os olhos para nós,
Que a teus pés erguemos supplices,
Nossas mãos e a nossa voz!

Julgámos poder, um dia,
Ao ver um filho em teus braços,
Sorrir com santa alegria
Ao fructo de santos laços!

Nas horas de enleios intimos,
Nós cuidámos ser o amor

O aroma das almas candidas,
Como o perfume é da flôr!

O nosso porvir doirado
Era o marido, era o lar,
Era um filhinho adorado;
Mas... isso tudo é peccar!

A teus pés, ó Mãe Santissima,
Quantos dons o mundo tem,
Deixaremos por ephémeros,
Sem poupar nem pae, nem mãe!

Peccado!... este amor profundo?!
Peccado!... O meu Deus, será
O céo que tu déste ao mundo,
Contrario ao teu ceo de lá?!

A aurora, que rompe em canticos,
Por entre lucidos véos;

Effluvios de amor purissimo,
Peccado, peccado, ó céos?!

Assim nol-o disse, um dia,
Um certo padre francez,
Que, ha muito, contra a heresia
Faz sermões em portuguez.

Alegram-se as flôres timidas,
Ao ver um raio de luz.
Todos tem seus dias fulgidos,
E nós só temos a cruz!

Ser amante e ser amada
Era o mais a que, a mulher
Podia aspirar coitada!...
Pois isso não pode ser.

Da virgem os sonhos férvidos,
O amor da esposa leal,

Diz que são affectos lubricos
A fanatica moral!

A familia, o lar propicio,
Todo o nosso coração,
Te damos em sacrificio,
E em nome da vocação!

Casta Pomba, Rosa Mystica,
Baixa os olhos para nós,
Que a teus pés erguemos supplices
Nossas mãos e a nossa voz!'

....

Como sentidos ais,
Os echos repetiram frouxamente
Os cantos virginaes;
E no templo de Deus Omnipotente
Uma sombra cahiu, e parecia
Que dos anjos a fronte resplendente
De nuvens se cobria!

ORAÇÃO DOS TRANSFUGAS

NO VATICANO

'Gerou-nos uma vibora!
Chama-se a Liberdade,
Aquella que do pó nos arrancou.
Maldita seja a mão, que ao seio uberrimo
Um dia nos criou!

Assentou-nos, Senhor, á lauta mesa,
Fallando-nos do amor da humanidade,
Das forças da fecunda natureza!

Nas festas lupercaes da iniquidade,
Inventou uma infame Providencia,

Que não corrompe as fontes da verdade,
Nem afoga a consciencia!

Já bem repletos dos festins mundanos
D'aquella dissoluta,
Inimiga implacavel dos tyrannos,
É chegado o momento:—Á lucta, á lucta,
Catholicos romanos!

Nós temos os reis no throno,
E no Vaticano um Deus!
Temos os grandes do mundo,
Ao passo que o povo immundo
Tem meia duzia de atheus.

É tempo, ó Summo Pontifice!
Venha a batalha campal,
Ha bons symptomas na França!
E podes ter confiança
Em Hespanha e Portugal!

O manto da caridade
Serve bem para encobrir,
Aos olhos da gente ignara,
Os planos com que a tiara
Ha de empolgar o porvir.

Refervem por toda a parte
Os servos do teu amor,
E as 'Escravas de Maria',
Cada vez com mais porfia,
Educam a infancia em flôr.

Tremeste de nós em tempos!...
Não foram terrores vãos;
Porque pensaste comtigo,
Que um Papa, nosso inimigo,
Succumbiu ás nossas mãos!

Agora luctamos juntos,
Com a espada em vez da cruz.
Avante, ó Pedro Heremita!

Persegue a raça maldita,
Que oppõe ás trevas a luz!'

. . . .

Terminada esta santa litania,
Em derredor da magestosa frente
Do velho exangue
Circulou de repente
Um clarão, que de longe parecia
Da côr do sangue!

O cabeça dos nossos peregrinos,
Que deixou a cidade,
Onde é principe á custa da impiedade,
Erguendo os olhos, encarou de rosto
Com soberbo painel, a que o sol posto
Dava extranha expressão!

Era Christo Jesus — eterno exemplo! —
A sacudir os vendilhões do templo
D'azorrague na mão!

Junho de 1877.

BOA ESTREIA



Entrou audaz na arena, é moço e tem talento.
Hão de vel-o amanhã brilhar no parlamento.

Parabens ao Paiz.

Ligitima ambição,
De vir a triumphar, lhe inflamma o coração?
Pensa, quando chegar ao cimo do poder,

Exercer a justiça e luctar, e vencer,
Ou cedendo o logar a bem do seu partido
Enfrear as paixões, saber cahir vencido?

Não, não; é velho senio, e torpe de consciencia,
Aos punicios clarões da plena adolescencia.
Ri do bello e do bom; do amor e da amisade.
Nem um raio de sol n'aquella mocidade!

Sereno e sem corar mente como um chatim.
Vendia o proprio irmão para alcançar um fim!

Trafaria, dezembro 2, 1879.

A MORTE DO TRIBUNO

Ás portas de Paris, o vencedor altivo
Vae dar no grande povo o golpe decisivo.
Sereno na victoria, e frio na vingança.
Rendida, amordaçada, a França, a França, a França!...

Ella banhada em sangue—esplendida na dor,
Elle, sujo de lodo, o torvo imperador.
O imperador e o clero, honrados bandoleiros,
São-lhe á hora final os funebres coveiros!

Medindo a profundez da pavoroso abismo,
Aguarda a Europa... o mundo aquelle cataclismo!
Embora mutilada, a França inda tem braços.
Como as aguias, o genio atira-se aos espaços:
O tribuno do povo arroja-se ás alturas,
E vae transpor o cerco. Inermes creaturas,
Convertem-se em heroes.

Na historia das nações,
Dado o instante supremo, os grandes corações,
Inspirados na fé, accesos pelo amor,
Tem no verbo o poder de Christo-Redemptor!

Reflectindo, a Allemanha, olhou para o gigante,
E olhou para o porvir; talvez pouco distante,
Da vindicta cruel, tardia e rancorosa!
Após a infausta guerra, a inimiga orgulhosa
Nadava na opulencia, e a ephemera republica
Não largava por mão os bens da causa publica.
O clero ultramontano, enorme potentado,
Que a punha em sobresalto, em França era esmagado.

Tudo isto a fez pensar n'aquelle aventureiro,
Que ao desprender a voz, erguia um povo inteiro!

Do solio pontificio á escusa sacristia,
Do imperador e o rei até á jerarchia
Dos magnates do estado, os Cressos do dinheiro,
Tudo a minar na sombra!—e o genial obreiro,
Sereno a proseguir em seu lavor ingente:
Tornar os reis do throno eguaes a toda a gente,
Influir novo alento á patria esmorecida;
Erguer do pó a industria, e fazer da vencida
A vencedora audaz no universal certame:

Mas sempre a gente séria a proclamal-o infame.

Quando cegos, os maus, atiram truculentos,
Á coiraça do genio os golpes mais violentos,
Não conseguem lograr as torpes ambições:
Os golpes, ao cahir, transformam-se em clarões!

Baqueia do poder!—Exultam de enthusiasmo;
Mas succede depois verem com grande pasmo,
Que da terra surgindo e revoltando á pugna,
Seu braço colossal com mais vigor oppugna.

E a Allemanha contando as horas da vingança,
Á voz que faz bater o coração da França,
Oh! sempre que tal voz nas multidões impera,
Funde mais um canhão e taciturna espera!

Morreu! Quando morreu—prova do seu poder—
Respirou livremente o velho chanceller.

O genio mede o genio, e nunca se deshonra
Regateando o logar devido ao logar d'honra!

Passou! Mas viverá, na historia, rutilante,
O nome de Gambeta, o nome d'um gigante!

Não te esqueças jámais, que em toda a parte o viste
Sempre a luctar por ti! Que tu sempre sentiste,
Nos momentos crueis, nos dias de esperança,
Pulsar teu coração n'aquelle peito, ó França!

Março 8, 1883.

PROPHETAS SINISTROS

Respireivos no berço, auras da liberdade,
Malditas pelos reis e padres fariseus;
Saudo-vos agora ao declinar da edade;
Sois sempre para mim emanações de Deus!

Quarenta annos depois a mesma tyrannia,
Provoca do seu antro a nova geração.
Co'a espada da justiça, á plena luz do dia,
Vamos á besta-fera, homens de coração!

Procuram entre nós os transfugas vendidos,
Adulterar no povo a ideia do porvir.
Marcar estes Cains, que tem de ser punidos,
Co'a justiça de Deus n'um dia que ha de vir!

Os servos do Senhor fazem um vaticinio:
Dizem que o socialismo entrando em Portugal,
Será o irmão siamez do roubo e do assassinio,
Que dissolve a familia, arrasa o capital.

Co'a giria ultramontana andam na scena publica
Imbuindo o terror da verdadeira luz:
Vendo os crimes d'Alcoy blasphemam da republica,
E abençoam baixinho o padre Santa Cruz!

Negando a evolução e os bens que Deus disparte,
Intentam esconder em carregados véos,
As ideias que a flux surgem por toda a parte;
Pois escondem o sol na abobada dos céos!

Succede alguma vez vindo a maré na enchente,
Recuar uma vaga em casos anormaes.
A maré do progresso engana muita gente,
Quando pára algum tempo é para crescer mais!

Nas sombras o poeta é nuncio em seus cantares,
Da luz que vós negaes com prepotencia van,
Como soltando a voz, aos pairos pelos ares,
Nas sombras a calhandra é nuncia da manhã!

Cintra, julho 24, 1873.

OS EXPLENDIDOS



Tudo que é trivial chama-se agora: Explendido!
No campo da batalha os feitos mais brilhantes;
Os rasgos da virtude, o genio dos poetas;
A terra, o mar, o céo, os astros rutilantes,
Que nome tem então, explendidos patetas!

Março 3, 1883.



A FASCINADORA



Passou hontem por mim. Quem tal diria!
Oh! Quanto podes tu, mundo implacavel,
Que d'aquelle botão de Alexandria,
          Perfumado, adoravel,
Engendraste a rotunda creatura,
          De face encarquilhada,
Que hontem passou por mim! Quem tal diria!

Andava aos tropeções,
Ella! a grande elegante, habituada
A arrastar, na ardentia
Da esteira que levava,
Os mais duros, mais feros corações!
E o pé, que no tapete,
Curvo, estreito, um primor de miniatura,
Ligeiro escorregava,
Armado d'um indomito joanete,
A pelica das botas lhe estoirava!

Os anneis dos cabellos acendrados,
Cahindo soltos sobre o collo airoso,
Que deixavam um rasto luminoso,
E aromas delicados,
Quando volteava
Na valsa ardente, que ella tanto amava...
De impossivel cosmetico unctuoso
Como os tinha pintados!

Olhou-me de revez. Pois eram elles,
Aquelles olhos, aquelles,

Que despediam, cegando-nos,
Faiscas, como as saphiras
Batidas do sol!... Aquelles,
Aquelles olhos, aquelles!
Cantados por tantas lyras!

Sem luz, sem vida, sem alma,
Agora os vi! Nem sequer,
Fulge a espaços um reflexo
Do que foi essa mulher,
Maravilha do seu sexo,
Que a todas levou a palma!

Orgulho luciferino!...
Como podeste affrontar
Cara a cara o teu destino,
Quando vias apagar
O clarão d'esses luzeiros,
Fadados para enganar?!

Vingativa... era melhor.
Era melhor acabar,
—Quem jámais sentiu o amor—
Aos lampejos derradeiros;
E antes de morrer... matar!

Janeiro 12, 1883.

O NUNCIO

—Ministro da justiça—ordena ao Monsenhor,
Que nem um passo mais! Como homem pensador,
Alcanças onde vae, nas sombras caminhando,
Do ultramontano astuto o espirito nefando!

Aos trons da dynamite, a burguezia afflicta
Persigna-se, communga, e julga-se precita,
Se não acurva a Roma a turgida cerviz.
Não pode ter a Curia ensejo mais feliz.

Empolga-se a familia! Influe-se na innocencia
O horror de quanto ha bom e bello na existencia!
Por todo o Portugal vae recrescendo a praga,
Dos servos do Senhor, como recresce a vaga,
Que o vento desgarrão levanta no mar alto.
Proclama-se o milagre, e vão tomar de assalto
A massa popular da povoação rural,
Propensa a acreditar no sobrenatural!

Masella dicta as leis, e esfola o bom catholico.
Co'a a bolsa a trasbordar atira-se o apostolico,
Amouco, assolador, a quanto nossos paes
Trouxeram ao paiz de ideias liberaes;
E gostando o *Marsala,* as faces luzidias,
Sauda o despotismo ao sol dos nossos dias!

Segundo o seu pensar, emquanto a matrimonio,
O dinheiro é de Deus, a mingua do Demonio.

Vão casar civilmente, e ao defensor da curia,
É deixal-o espumar na truculenta furia.

Pois saltando ao redil ha de levar nas presas
Este lobo cerval, ovelhas portuguezas?!

Avança-se á corôa, offende as leis do Estado,
Sauda D. Miguel no filho abençoado!
Aos bispos, quando quer, joga-lhe ao rosto affrontas;
Apanha quanto pode a algumas velhas tontas;
E o torvo Monsenhor, immune, triumphante,
Mão dada á reacção, caminha sempre avante,
Mofando do poder, soberbo na insolencia!....

Alguns beijam-lhe o annel, e chamam-lhe: Eminencia!

Se a corôa fraqueia, e se o poder trepida,
Então os clericaes ganharam a partida!

O momento é supremo! Erga-se a mocidade,
Onde conflue talento, e brio, e heroicidade.
Do juvenil ministro a vasta intelligencia
A força nos garante. O caso é de consciencia!

Não deixemos rasgar as paginas de gloria,
Que, no ponto em questão, registra a nossa historia.

O cardeal futuro, entrando em Portugal,
Deu co'a luva na cara á escola liberal!
Andou a reacção por largo tempo occulta;
Resurgindo proterva, agora nos insulta!

Nada de dissenções. Em fraternal abraço,
Vigoremos a crença, e demos força ao braço.

Sobre o cariz do céo a tempestade assoma......
E pode ser fatal,—que o Nuncio vem de Roma!

Novembro 15, 1882.

O APOSTOLO



Satyras sempre, não! Venha a elegia.
Humedeça os meus olhos uma lagrima,
E acabe, emfim, o fusilar da colera!

Vejam-me esse rapaz cheio de vida:
Era pobre e luctou co'a sorte adversa;
Venceu na lucta e conquistou victorias.

Profundo pensador, na fórma esplendido!
Fecundo em verso e mais fecundo em prosa!
O povo era o seu Deus!—o povo operario,
O legitimo, o bom, das mãos calosas.

Alma singela como as pombas mansas,
Só tinha fel para mandões protervos.

O morgado de luz, ignota herança,
Diffundia-o, sorrindo, entre os apostolos!

Sereno, evangelista, austero e puro!

. . . .

Hontem vendeu os seus na praça publica,
Como a Christo o traidor de Karioth!

Trafaria, setembro 4, 1880.

UM BILHETE DE VISITA

A AGRADECER



Conhecem-no?—É o *portuguez!*
Fez-me... o que todos sabemos!
Conhecem-no:—É o *portuguez!*
Um escriptor dos supremos,
Vera gloria nacional,
Por quatro libras, ou menos,
Insultou-me n'um jornal,
Dos que ha mais sujos e obscenos;
Por quatro libras, ou menos,
Que lhe deu, por uma vez,
Já sabem—o *portuguez!*

Setembro, 1884.

UM HOMEM GRANDE

N'UM PAIZ PEQUENO

Vejam-me bem, homens fracos:
Me, me adsum! Sim, sou eu.
Na tribuna... mais que os Gracchos!
Nas canções... mais que Tyrteu!

Orientei-me em poucos mezes;
E sei, melhor que ninguem,
Quanto sabem os francezes,
E alguns allemães—tambem!

5*

Porém vós, ó gente estólida,
Negaes, com todo o desplante,
A minha sciencia solida,
E appellidaes-me—um pedante!

Março 7, 1888.

A PRINCESA E A SUA CÔRTE



Princesa, no quarto estado,
Digo, estado de casada:
Senhora!—muito obrigado!

Essa bocca immaculada
Fez-me um pomposo discurso,
E eu nunca respondi nada.

No teu derradeiro curso,
Por esta cidade antiga,
Passaste-me ás honras d'urso.

Gratia tanta!— honesta amiga!
A ti e aos informadores,
É pouco quanto se diga!

Alguns até são doutores,
E não te levaram caro,
Para bons diffamadores!

Um d'elles, um tanto avaro,
Foi receber ao correio
O val' com todo o descaro!

Não uses mais de tal meio:
Joga-me insultos de graça,
E sem sombras de receio.

Esses gatunos de praça
Não merecem um biscato,
Nem um ar da tua graça.

Morde-me em todo o formato:
Ha na terra traductora,
Que traduz bem e barato!

Princesa!—e casta senhora!

Março 10, 1888.

ERNESTO RENAN

Pacomios! Hilariões! — mestres da mocidade
Na Thebaida do Paço — ás feras a impiedade!
Nefando historiador da vida de Jesus,
No fogo consummindo a tua vil sciencia,
Innocencios de cá, nuncios da Providencia,
Pregaram-te na cruz!

Tu quizeste provar que o Deus dos nossos dias
Não era o Deus fatal das negras gemonias,
De semblante minaz, perseguidor atroz!

E elles querem um Deus de pulsos de gigante,
De barba convertida em tromba de elephante,
Um valentão feroz!

O espirito, que anima as lucidas espheras,
Que não prende a razão n'um jogo de chimeras,
Que enflora em todos nós o fraternal amor,
Que vendo o bem sorri, e vendo o mal suspira,
O poeta immortal, que vibra a eterna lyra,
Votado ao fundo horror!

É preciso influir nos pueris 'Infantes'
O vivo ardor da fé, com que mandava, d'antes,
Um certo seu avô, ás chammas os judeus......
Pintar aquelle Deus d'amor e caridade,
Que usava da polé a bem da humanidade,
E que era um santo Deus!

Estampar-lhe na mente as paginas da historia
Em que Roma converte—incomparavel gloria!—

O barro vil n'um Deus, com grande perfeição;
Em quanto, ao céo azul erguendo os olhos, Christo,
Já banido do templo, exclama: 'Fazem isto!...
O templo vem ao chão!'

Na França, na Allemanha, em summa, n'essas partes
Onde grassa a impiedade, e tem seu culto as artes,
As sciencias, em premio, esplendidos brasões,
Acurva-se a cabeça ao genio, que se afana
Em busca da verdade, e diz á raça humana:
'Tem mão nas illusões;

Na verdade acharás o maximo a que aspiras:
Não se funde o ideal n'um mundo de mentiras.
A condição da vida é sobretudo a luz.
Raiando o sol d'abril nos páramos do espaço,
Como abre a primavera o lubrico regaço,
E a todos nos seduz!'

Christo, vendo que Pedro exulta na abastança,
Que distribue milhões no campo da matança,

Que, emfim, largou por mão a barca dos fieis—
Para salvar o mundo emprega outro processo:
Mudou de nome agora, e chama-se—Progresso,
O grande rei dos reis!

Não consegue outra vez a negra hypocrisia
Dar-lhe a esponja de fel, pol-o na sacristia,
Repregar-lhe na cruz as valedoras mãos.
Não torna, nunca mais, a entrar no Santo Officio,
Para assistir, chorando, ao grato beneficio
De vêr queimar irmãos!

Com Pedro, que o negou, tres vezes, n'aquell'hora,
—Não é sem tempo já!—as contas faz agora.
Vê-o rico, e, demais, na jerarchia egual!
É preciso abater-lhe a ousada prepotencia,
Que, embora seja Christo a maxima paciencia,
Não quer esse rival.

A quaresma acabou. Convivas d'estes dias,
Levantemos um brinde ás grandes alegrias

Na Paschoa universal, onde florece o amor.
O genio, desbravando asperrimos caminhos,
Torna em c'rôa de luz a c'rôa dos espinhos,
N'um sopro creador!

Onde impera o saber, os homens da verdade
São os justos, os bons, que á cega humanidade
Apontam os clarões da fulgida manhã.
Mas os sabios de cá, os aulicos ministros,
Deslumbrados co'a luz,—ó animaes sinistros!
Regeitam a Renan!

Não é mau prevenir hypotheses futuras.
A santa religião tem já, pelas alturas
Da desditosa Hespanha, uns centos de canhões,
O balsamo da fé, os canticos divinos,
Indultados de Roma uns padres assassinos,
Que são tambem ladrões;

Arrancados, sem alma, aos paes desventurados
Moços, quasi infantis, que fogem desvairados

Em ouvindo o canhão!—Os torvos canibaes
Acharam meio já—satanicas lembranças!—
Para evitar a fuga.—Atterram as creanças
Com fusilar os paes!

....
....

Filhas do sangue azul de duas bestas feras,
Antes de entrar na lucta, as juvenis pantheras
Receberam de Roma a bençam paternal!
De Hespanha a Portugal não dista um grande espaço;
E pode o filho audaz d'um despota devasso
Assaltar Portugal.

Não fallecem, por cá, os transfugas vendidos,
Bastardos do progresso, escoria dos partidos,
Escravos do poder, mollossos de ambição...
E um rei feito por Deus—magnanimo improviso!—
Tendo o carrasco á mão, que é muita vez preciso,
Merece protecção!

A faina vae crescendo; o vendaval rebenta.
Aperceba-se a nau. Que temos a tormenta
Dil-o o cariz do céo, sombrio como está.
Á maldição—Renan! Ás chammas—a impiedade!—
Ó servos do Senhor, Cains da liberdade,
Um dia chegará!

Abril, 26, 1874.

OS JUDEUS NOVOS

Christo-Jesus, que redimiste os homens!
Redempção!?... Ó cordeiro immaculado!
Pregaram-te na cruz as mãos imbelles!
Cravaram-te de espinhos a cabeça!
Cuspiram-te a irrisão na face esplendida!
E o coração — fonte d'amor divino —
Lancearam-t'o, por fim, no arqueado peito!

Foi exemplo efficaz o sacrificio?
Relancemos o olhar aos nossos dias.

Sobre o votivo altar, n'este momento,
Jorra em vão o teu sangue na patena!
Acabaram no templo os sacerdotes.

Não ha um d'entre mil que seja padre!

Volta de novo á terra. Mas não voltes
Sereno, luminoso, ingenuo, amante;
Abrindo o teu regaço aos pequeninos,
Pondo o rosto outra vez á affronta infame,
Levantando do pó a mulher fragil,
E dando luz ao cego, e vida ao Lazaro,
Tal qual como eu te vi, Jesus, descripto,
Por minha santa mãe, quando era infante!

Vem do Sinay fulgente de relampagos!
Fulmina a raça, que avassalla o mundo!

Ha peior que os judeus — são judeus-novos.

O filho d'Israel respeita o sabbado:
Estes comem do cerdo á sexta feira!
E, sem purificar as mãos protervas,
Sangram nos bancos o bezerro d'oiro!

Forjou o despotismo os christãos-novos.
De motu proprio agora os christãos-velhos,
Vão comprar e vender na synagoga,
Profanada em mercado de onzeneiros,
Quanto affronta o pudor da gente honesta!

O teu habito, ó Christo! nem barbeiros
O querem ostentar no peito ousado!

N'este cego furor de outorgar titulos,
Põe-se o brazão das glorias portuguezas—
Nome que symbolisa uma epopeia,
Que tem echos de assombro em todo o mundo!
Frecha de luz, que, atravessando os mares
Com as páreas do Oriente, traz á Europa
Os crástinos clarões da Renascença,—
Sobre um ranço burguez, embora honrado,
Que se esqueceu da pristina humildade!

Desce o nivel moral de dia a dia!

Sanhudo e carniceiro o fanatismo
Não corre aos infieis, brandindo a espada:
Agora tudo é paz n'este ambiente!

Sahido da relé lá passa aquelle,
A deslumbrar a futil populaça.
Carro timbrado e farda rutilante!

De onde proveiu a subita abastança?
Não o sabe ninguem? Sabem-no todos.

Moirejou nos Brazis honradamente!!

Surge um velho senil opulentissimo.
O fidalgo e o burguez jogam-lhe as redes,
Pondo-lhe á cara as tentadoras filhas!

Rebenta um charlatão desaforado,
E começa a fundir-se em paradoxos
Nos comicios da plebe.—Eis um tribuno!

Ninguem o quer comprar na praça publica?
Cae penitente aos pés da monarchia,
Que no fôro ultrajou, e que hoje adora!
Pouco tempo depois é potentado!

Alguns vem com talento, audazes, fortes;
Mas usam do talento, audacia, e força,
Em prol das bolsas, conspurcando a fama!

O maximo dos crimes—a calumnia,
Serpente, irmã legitima da inveja,
Não poupa a virgem, não respeita o velho;
Morde sempre na sombra a gente honrada!

Lida um homem de bem durante a vida,
Sem dia do Senhor, amando a patria;
Accesa de talento a fronte altiva
Domina as multidões. Chega a ministro,
E exercita o poder por largo tempo.....

Os inimigos seus mais entranhados
Acatam-lhe a lisura e probidade;
Mas vão clamar na imprensa que tal homem
Queima as mãos no metal dos cofres publicos!
O povo crê, e aponta-o como um Cresso!

Morre. Não deixa nada ou deixa dividas.
Chovem-lhe então pomposos epitaphios!

O fisco arrasa o pobre, e engorda o rico.
Os politicos bons sabem do escandalo,
E promettem punir severamente,
Em chegando ao poder; mas, em chegando,
Quanto mais novos são, mais se accommodam
Aos sãos principios da moderna escola,—
Palude infecto de venaes consciencias!

Vendo o exemplo fatal resurge a escoria,
Apostolada por lethaes espiritos,
Ignara, absurda, amouca, truculenta!
Onda de lodo e sangue, que ameaça
Romper, na insania, os mais sagrados vinculos!

Jesus de Nazareth! assoma esplendido!
Austero punidor, vibra na dextra
A rutilante espada da Justiça!

Mas, aos clarões do lar... ás mães, ás filhas,
Melindrosos botões do abril eterno,
Volve piedoso o teu olhar divino!

Ai das mulheres, sendo os homens isto!

Fevereiro, 16, 1888.

CANÇÕES

CANÇÕES

SUNT LACRIMÆ RERUM!



Deixei na cidade as satyras,
Com as brumas da invernia:
Venho ao campo—um dia esplendido!—
E eu alegre, como o dia!

Tardou em chegar abril;
Mas agora é que deveras
Vem mais robusto e gentil
Do que n'outras primaveras.

Rebenta na encosta os pampanos;
Enflora o pomar nas hortas.
Cheio o regaço de dadivas,
Já bate a todas as portas!

É tal a força de luz
E de vigor, que elle traz,
Que, ao ver-lhe a face, eu suppuz
Que estava feito um rapaz!

Em volta do ninho os passaros,
Palpitando de desejos;
E as rosas, abrindo as tunicas,
Aos cravos atiram beijos!

Quândo até as proprias rosas
Beijam cravos, a tremer,
Quantas coisas mysteriosas
No coração da mulher!...

Este bello sol deslumbra-me,
E arrebata-me ao passado...
Era assim!... Um dia fulgido!
Céo azul, em flôr o prado!

Um vestidito singello,
Ao peito um cravo vermelho,
Posto em tranças o cabello;
E sem consultar o espelho,

Vinha commigo. Julgando-me
Moço de rara sapiencia,
Ouvia, exultando, as syntheses,
Proprias da minha sciencia......

Cantavam ao desafio,
Nas pedras batendo as roupas,
As lavadeiras no rio,
E as toutinegras nas choupas.

Rosada, fresca, alegrissima,—
Encantadora creança,—
Raiavam-lhe os olhos limpidos,
E verdes como a esperança!

Um mal-me-quer do balsedo
Tomou nas mãos pequeninas,
E foi dizendo, em segredo,
As palavras sybillinas.

—Muito, muito!—exclamou, trémula,
E pela primeira vez,
Demudou-lhe o rosto, subita,
Uma grande pallidez!

Ao despedir-se de mim,
N'um vivo aperto de mão
Disse tudo quanto emfim
Diz, na mudez, a paixão!

E cahiu d'aquellas palpebras
Uma perola do amor,
Como cae o orvalho rutilo
Da aurora sobre uma flôr!

. . . .

Ha muito que a rosa agreste,
D'olhos verdes como a esp'rança,
Dorme á sombra d'um cypreste......
Desventurada creança!

Ó sol d'abril, tu cegaste-me!
Debalde acudo ao passado,
Que não volta a flôr do espirito,
Como volta a flôr do prado!

Monte de Caparica, abril 20, 1888.

VERSOS ROMANTICOS

AOS OLHOS PRETOS DA MINHA VISINHA

Quando assomas á janella,
Á hora em que foge o dia,
E já no céo principia
A accender-se alguma estrella;

Com que extranho desalento,
E pallidez namorada,
Erguendo a fronte anuviada,
Encaras o firmamento!

Dos astros, que vês além,
Terás ciumes talvez?
Quem tem teus olhos, bem vês,
Não tem zelos de ninguem!

Olhos em fórma de amendoa,
Negros, d'um negro retinto...
A luz—de certo a não pinto,
Que só se concebe, vendo-a!

Ninguem com ella se afoite,
Que de repente fuzila,
Na tua ardente pupilla,
Como um relampago á noite!

E a tristeza a perseguir-te!
E, n'um fatal magnetismo,
Pareces sondar o abysmo
Em que procuras sumir-te!

A causa d'essa amargura
Provém dos versos vulcanicos,
Com que os poetas satanicos
Fulminam a formosura?!

Nasceste em dias malditos,
Visinha desventurada,
Que não podes ser cantada
Por ter olhos tão bonitos!

Deixa-os. Não ha de faltar,
Peregrina philomela,
Que ao pé da tua janella,
Teus olhos saiba cantar.

Nas velhas canções, embora,
D'entre as balseiras virentes,
Quando as estrellas fulgentes
Desmaiam co'a luz da aurora!

E tu, aos clarões do sol,
Revê-te no teu espelho,
E ri dos que chamam velho
Ao amor e ao rouxinol!

Semsaborões desastrados!...
Em topando este ou aquelle
Desvia os teus olhos d'elle,
Para mal dos seus peccados;

E alegres, nadando em luz,
Crava-os no céo, nas estrellas,
N'essas velhas bagatellas,
Com que o velho amor seduz!

....

Deixa os funebres cantores.
E juro, por vida minha,
Que has de ter versos, visinha,
Aos teus olhos tentadores!

Villa Nova de Portimão, agosto, 1874.

JURAMENTOS...



No soluçante adeus da despedida
Murmurava Maria:
—'Seja qual fôr no mundo a minha sorte,
Tua, oh! tua serei até á morte!'

Não contava voltar, e aquelle dia
Suppuz o derradeiro em que a veria...

Pungia-me o remorso entre a saudade,
E dizia commigo: 'Na verdade,
Para que fui a esta infeliz creança
Roubar na flôr da vida a flôr da esp'rança?'

Porém, passado um mez, volto imprevisto
Ao ponto, onde a deixara;
Ufano o coração, mas com receio
Que áquelle fragil seio,
Tão ingenuo, tão casto, tão amante,
Podesse ser fatal
O sonhado ideal,
O supremo prazer d'aquelle instante!

Era noite magnifica de abril—
Flôres, aromas, e, de vez em quando,
Na balsa escura o rouxinol cantando...
Devia haver luar... N'uma palavra,
Toda a esteril, rhetorica poesia
Da velha lavra,
Tinha essa noite, em que eu fui ver Maria!

Dirijo os passos para casa d'ella:
Casita, que na terra me brilhava
Como no chão do céo brilha uma estrella!

Era feliz, feliz porque levava
A suprema ventura a quem amava!

Transponho a sebe viva, entro a alameda...
Silencio sepulchral!
Não agita uma folha a aragem queda;
Mas não ha nuvem, que perturbe emfim
Este azul ideal,
Que eu sinto dentro em mim!

Alvorotado precipito os passos:
Afrouxo-os ao chegar a casa d'ella......
Casita, que na terra me brilhava
Como no chão do céo brilha uma estrella!

Ao sopé da janella manuelina,
Das heras revestida,
Parei. Aquella bocca purpurina,
Contrahida na dôr inda mais bella,
Foi áquella janella,
Que me disse, no adeus da despedida:

—'Seja qual fôr no mundo a minha sorte,
Tua, oh! tua serei até á morte!'

Aturdia-me o excesso da ventura!
A noite era inda escura;
N'isto, um raio da lua no horizonte
Improviso rompeu de traz de um monte.

Um vulto assoma á janella:
Resurjo, estremeço, exulto
De alegria! É ella, é ella!
Mas... junto d'ella outro vulto!!

Maria cae-lhe nos braços!
Que phreneticos abraços!
Que recrescer de desejos!
Que longos, mordidos beijos!

Quebrada, desfalecida,
Inclina o rosto na mão;
E, levando ao coração
A mão do seu bem amado,
Diz-lhe:

'Marido adorado,
Quão feliz foi no mundo a minha sorte!...
Já sou tua, e serei até á morte!'

A pallida Maria
Casara n'esse dia.

Junho, 186...

Á MEMORIA DE D. MARIA D...

MORTA EM ROMA



Eu nunca te fallei; mas via-te passár
Na regia comitiva. O teu sereno olhar,
Tão limpido, tão bom! como que reflectia
Um vago do ideal, que na tua alma havia!

Votada desde a infancia ao culto da amisade,
Foi teu unico amor o amor da caridade.

Deprecavas mercês das mãos dos potentados;
Mas só para valer a alguns desventurados,
E como um criminoso occulta um grande crime,
Occultavas, tremendo, a tua acção sublime.

As almas de eleição escondem-se na sombra:
O seu proprio esplendor parece que as assombra!

Como vem ao albergue, um dia veiu ao Paço
Uma nova fatal. Estende ignoto braço
Imparcial o destino. Ao relançar da sorte
A suprema egualdade é que fulmina a morte.
O grande vê então—inda mal que então só!—
Que nasceu para a dôr, e que nasceu do pó!

Seguiste a filha em luto, e porque a abandonaste,
Na sua volta ao lar? Tu, que jámais faltaste
Á sombra de um dever, faltares d'esta vez!...
Seria... sabe Deus! É possivel. Talvez,
—Ninguem pode explicar um grande coração!—

Vendo ficar o rei n'aquella solidão,
Tu dissesses comtigo:

—'A gratidão me obriga
A acompanhar o pae da minha regia amiga!'

Março 23, 1878.

SAUDADES DO CÉO

A A. D. F.



Vejo em teus olhos, creança,
Ás vezes uma saudade,
Entre os clarões da esperança!
Saudades na tua edade?!...

Da terra não podem ser.
Alguma estrella haverá,
Que do céo te esteja a ver,
E a quem tu sorris de cá!

Quando sentires no mundo
Bramir a voz da procella,
Não percas, no céo profundo,
Jámais de vista essa estrella!

Soccorre-te ao seu clarão,
Na infancia e na juventude,
Que terás no coração
A eterna luz da virtude!

Oh! eu bem a conheci,
Quando te andava a beijar,
Tão cega de amor por ti,
Tão triste, por te deixar!...

Sei quem é! Olha, creança,
D'aquelle anjo de bondade
Foste na terra a esperança,
Hoje és no céo a saudade!

Abril, 1875.

A PEROLA

CANÇÃO HESPANHOLA

Nasceu no mar fundo a perola,
E na agrura verdejante
A violeta azul nasceu;
Nos céos a gotta de orvalho,
E em tua memoria — eu!

Na corôa imperial morreu a perola.
Em jarro primoroso a flôr morreu.
Nos céos a gotta d'orvalho,
E em tua memoria — eu!

Setembro, 1869.

AS FORASTEIRAS

As andorinhas do espaço
Revoam no azul cantando;
Aos clarões da primavera,
Acode o amoroso bando:

Já no beiral dos telhados,
Onde ao romper bate o sol,
Vão fabricando os seus ninhos,
Para crearem a prol.

Forasteiras africanas,
Porque voltaes, peregrinas?
Lá, tendes selvas mais densas,
E mais viçosas campinas!

Lá, nas caudaes das montanhas,
Nos desertos areaes,
Tem a luz mais bellos prismas,
E ha miragens ideaes!

Se nos covís vos assustam
Bramidos de besta fera,
Por aqui tendes o homem,
Ás vezes tigre e panthera!

Deixar amplidões da patria,
Para vir crear a prol,
Onde ha menos horizontes,
E tem menos brilho o sol!...

Ó graciosas forasteiras,
Dizei-me: Porque voltaes?
—'Para saudar os poetas,
Que nos tornam immortaes!'

Abril, 1874.

DEPOIS DE TERMINADO

O OITAVO CANTO DA PAQUITA



No meio do lavor d'esta enredada historia
Não me cega a vaidade,—eu não presinto a gloria;
Porém se acaso encontro um vago de fragrancia,
Ou n'um ou n'outro verso, ou n'uma ou n'outra estancia,
Enlevo da minh'alma, encantador assombro!
Entrevejo-te já co'a fronte no meu hombro,
O seio a palpitar, nos labios o sorriso,
Ouvindo-me em silencio!—Ás vezes te diviso,
Augmentando o fulgor dos olhos transparentes,
O vivo scintillar das lagrimas nascentes,
Convertidas depois em bagas crystallinas......

Uns nadas pagas tu co'as perolas mais finas!

Dezembro, 14, 1871.

UM RETRATO



Branco-mate o tom da côr;
Pé airoso, curvo, estreito;
A bocca, botão em flôr;
E a linha curva do peito;

Sorrisos abrindo em perolas;
Distincção, graça no porte;
Pupillas como relampagos,
Que podem dar vida ou morte!

N'essa fórma sobrehumana,
Que mais seduz, mais domina?
A carne, porção mundana?
O ideal, porção divina?

Como d'esse branco pallido
Resahem as negras comas!
Caminhas, formosa, unica,
Cercada de luz e aromas!

No grande baile sorrias,
Mais triste do que ditosa....
Pois de tal modo estarias
Se acaso fosses vaidosa?!

Surgiste, real e etherea!...
N'estes dias positivos,
Deus resuscitou romanticos,
Ao sol dos teus olhos vivos!

São tantos os teus poderes,
Triumphadora invencivel,
Que nem nas outras mulheres
A propria inveja é possivel!

Março, 1885.

SONHO DE MÃE



Tu tens filhos, senhora, e praza a Deus que vejas
O porvir offertar-lhe os bens que o mundo tem.
Lograrás quanto ha bom; mas não quanto desejas...
São infinitas sempre as ambições de mãe!



NOIVA



Noiva! Noiva!... Canta abril
N'este nome crystallino!
Foi Deus, sorrindo ao Amor—
Esse ideal peregrino—
Que, n'um luminoso traço,
Um dia escreveu tal nome
No retinto azul do espaço!

1883.

MADRIGAL



A abelha d'oiro no prado
Encontra o mel perfumado,
E no bosque os passarinhos
Com que fabricar os ninhos.
No berço encontra, anhelante,
O seio da mãe o infante.

Na aurora da juventude,
Buscando a graça e a virtude,
O Amor, a quem Deus sorri,
Ah! possa encontrar-te a ti!

Maio, 1885.

AS DUAS MÃES

—DE SOULARY—

N'uma egreja se encontraram
Duas mães, em certo dia.
Uma entrava, e n'esse instante,
Toda cheia de alegria,
Orgulhosa e triumphante,
Levava, chegado ao peito,
Um filhinho a baptisar.

Outra, a infeliz que sahia,
Levava um filho tambem...
Oh! mas essa pobre mãe
Levava um filho a enterrar!

Cruzaram-se, a poucos passos,
A que trazia nos braços,
Cheio de vida e conforto,
O filho dos seus encantos,
E a triste, lavada em prantos,
Que seguia o filho morto!

Trocaram ambas o olhar...
N'isto, a mãe afortunada
Foi que rompeu a chorar;
Emquanto a desventurada,
Que o filho tinha perdido,
—Ó maravilhas do amor!—
No meio da sua dôr
Sorriu ao recemnascido!

187...

CANÇÃO GREGA

PARAPHRASE

Só as estrellas e as ondas
Podiam ver-nos... A medo,
Eu dei-lhe o primeiro beijo,
Bem certo que era um segredo.

Mas uma estrella ciumenta
Ás ondas o revellou;
Ao remo as ondas, e o remo
Ao marinheiro o contou.

O marinheiro, voltando
Das suas fainas do mar,
Tambem foi dizel-o á noiva,
E a noiva a todo o logar!

1887

AMBIÇÃO DE VIVER



Como vem a caudal dos montes na invernia,
E se afunda no mar, assim, de dia a dia,
Se abysmam para mim, n'um turbilhão fatal,
Os entes que adorei, na valla sepulchral!

Que ambição de viver! E ao cabo da jornada
Parar cançado e só, para encontrar... o nada!

Dezembro 30, 1887.

BUSSOLA DO AMOR

A S. S.

Pae e mãe!... Seja qual for
N'este mundo o teu caminho,
Amando sempre o teu ninho,
Tens sempre o norte do amor!

Jámais esqueças os teus.
As pombas pelos espaços
Batem as azas, e Deus
Abre-lhes sempre os seus braços!

Maio 22, 1888.

NO DIA DE FINADOS

O mar reclama na costa;
O tempo brumoso e frio,
Mas os vinhedos da encosta
Inda tem folhas do estio.

Pelo montado sombreiro,
Abrindo o involucro hirsuto,
Nas ramas do castanheiro,
O ouriço a abundar em fructo.

Com as lufadas do vento,
Com os reclamos do mar,
Oiço o bronze do convento,
Solemne e triste, a dobrar!

Que dobres tão compassados!
Ah! sim! agora me lembro.....
Rezemos pelos finados:
São hoje dois de novembro!

Entremos no cyprestal.
Quanto amei, ou quasi tudo,
Jaz na estancia funeral,
No campo tranquillo e mudo!

Paz... a paz!... Espera alguem,
Depois da cruenta guerra,
Que possa haver outro bem,
Além da paz, sob a terra?

Nada mais! No turbilhão
D'esses astros nada mais?...
Uma ephemera illusão
Tantos, tantos ideaes?!

É tudo, pois, inconsciente?
Um cego, um fatal destino,
Precipitada torrente,
Que leva o justo e o assassino?!

Mil vezes sejas maldicto,
Maldicto saber moderno!
Arrebatas-me o infinito,
E dás-me o descrer eterno!

Oh! não! Eu quero prostrar-me
Aos pés de Deus Sacrosanto,
Que ha de ouvir-me e resgatar-me,
Porque é sincero o meu pranto!

Logra um beijo da alvorada
O orvalho sobre uma flôr,
E não ha de alcançar nada
Uma lagrima de dôr?!

Com as lufadas do vento,
Vem os dobres compassados,
Do solitario convento......
Rezemos pelos finados!

Novembro, 1887.

PAQUITA

FIM DO CANTO DECIMO

A REVOLUÇÃO

. . . .
. . . .

Quatro dias depois, desarvorada,
Fundeava em Cadiz a corveta ingleza,
N'uma linda manhã, toda inundada
Do sol d'aquella viva natureza.
Aos olhos do andaluz sorria a patria,
A bella Andaluzia, a eterna fada!

Sir William de T... tinha olvidado,
Depois do rasgo heroico do hespanhol,
O que entre ambos no mar se havia dado.
Vamos agora ver, áquelle sol,
As nossas cinco inglezas, mal surgindo
Do naufragio a que haviam escapado.

Tinham mais vida, mais calor, mais graça.
A tormenta passára, e a tempestade
Nunca deixa vestigio, quando passa
Sobre a face vernal da mocidade!
O céo nadando em luz; o mar um lago;
Encantador o aspecto da cidade!

A flôr vermelha no cabello ondado;
O terraço, a varanda, a serenata;
O trovador lendario; e á noite *el Prado,*
E o chalrar *sotto voce,* e a voz que mata...
N'uma palavra, era a sonhada terra,
A que o destino as tinha, emfim, levado.

Porém, em que momento!... Pepe ouvira,
Desde pela manhã, constántemente,
O rufar do tambor, e presentira
Algum conflicto grave. De repente,
Descargas de fuzil, umas sobre outras,
E o troar do canhão em continente.

Era a guerra civil! Inda uma vez
A liberdade levantava o collo
Na sua varonil intrepidez!
Fraterno sangue alagaria o solo,
Dominio de mandões, e a liberdade
Teria de affrontar mais um revez!

Embora!—O coração do moço audaz
Bateu ufano!—Adeus, sonhos d'aurora!
Saudades, illusões, amor fugaz,
Do alvor dos vinte! Adeus! adeus! Agora,
No homem já feito o cidadão accorda.
Ao campo, á brecha, á pugna vingadora!

Era o vulcão da Hespanha rebentando
Na Castella, Navarra, Andaluzia,
Por toda a parte a lava arremessando!
A guerrilha nas serras combatia,
Em quanto, contra a tropa das cidades,
O dragão popular arremettia!

O poema do amor, na mocidade,
Não se completa nunca, sem a prova
D'um combate em favor da humanidade.
Pepe sentira em si uma alma nova,
Uma transformação no seu espirito—
A consciencia da vida e da hombridade!

Ó supremo ideal! Ó guerra santa
Dos justos e dos bons contra os protervos,
Quando a rota bandeira se alevanta—
Momento millenario!—sobre acervos
Das victimas da fé; quando triumpham,
Exempta a voz e o braço, os que eram servos!

Na cidade, nos campos, na montanha,
Que nação contra o clero tem mantido,
Como tu, lucta homerica, ó Hespanha?!
Quem com bravura estoica tem sabido
Cahir, erguer-se, revoltar as garras
Contra o poder dos principes valido?!

O porte e a intrepidez impõe-se ao povo.
Pepe saltara em terra. Intelligente,
Sympathico e brioso, audaz e novo,
Tomou logo de assalto aquella gente.
O bando popular a que se unira
Tratou de o collocar á sua frente.

O momento era serio. Alguns soldados
Tinham vindo abraçar-se aos populares.
Muito poucos, porém. Aquartelados,
Aguardavam agora os militares,
Morrão acceso, promptos á defesa,
Em boas posições, disciplinados.

E em taes casos é sempre a disciplina
O primeiro elemento. Amouca e cega,
A turba, co'a victoria, se allucina;
Em quanto espera, em ordem, a refrega,
A força militar, submissa ao mando,
E o ferro e fogo, quando é tempo, emprega.

Vencera o povo no primeiro arranco;
Mas agora o inimigo, entrincheirado,
Á massa enorme já não dava flanco.
De dentro do quartel, certo, aturado,
O fogo dizimava os assaltantes.
O golpe era deveras arriscado!

A vaga colossal dos insurgentes
Acurvou-se e estoirou sobre a trincheira,
De machado na mão, faca nos dentes.
Aberta da metralha, uniu fileira,
E como um furacão de carne humana,
Jogou co'a vida, a carta derradeira!

A canalha sublime anavalhava
Os artilheiros sobre as proprias peças,
Cada vez mais cega, cada vez mais brava!
Nem officiaes, nem plano, nem cabeças!
Refervia-lhe o sangue na vertigem
De vingar-se de quem a escravisava!

Pepito, ás cutiladas, conquistou
A bandeira real do regimento.
—'Hurrah! Victoria!'—unisona clamou
Aquella multidão, n'um sentimento
D'odio, d'amor, de inebriante gloria!
Gloria ephemera, apenas d'um momento.

Sobre a estrada real, turvando os ares,
Uma nuvem de pó... Tremia a terra!
A toda a brida, sobre os populares,
Cahiu um esquadrão, qual vem da serra
Uma avalancha rapida, improvisa,
Terrivel, pavorosa como a guerra!

—'Os dragões sobre nós!' Dado este grito,
Espalhou-se o terror. A infanteria,
Que perdera a coragem no conflicto,
Recuperou de prompto a valentia;
E os dragões a cortar a rectaguarda
Da massa popular, que esmorecia!

Não durou o terror mais do que instantes.
Das janellas, o fogo redobrando,
Defendiam a rua os assaltantes.
Dividiu-se em dois o enorme bando:
Um d'elles apertou co'a infanteria,
Outro sobre os dragões descarregando.

Arrojo sobre-humano, porém vão!
Voltando a tempo do primeiro abalo,
Cahiram sobre o povo de roldão,
Com recrescente esforço, os de cavallo,
E um tiro de metralha, aproveitado,
Varreu parte da heroica multidão!

Deus vigorava o braço á monarchia.
A serpente truncada colleava;
Não podendo vencer na Andaluzia,
Por outros pontos, a cabeça escrava
Resurgia do pó, grandiosa e multiplice!
No throno o despotismo estremecia!

Raça peninsular, raça de sangue!
Escapando aos ferozes morticinios,
Um troço popular, já meio exangue,
Mas cada vez mais forte em seus designios,
Jogou-se a monte, como as bestas féras...
Raça peninsular, raça de sangue!

Tinha cahido a noite. Avante! avante!
A marcha silenciosa, attento o ouvido.
A um fremito de folha, a um som distante,
Palpita o coração mais atrevido;—
Que a morte vem correndo pelas sombras,
E sobre elles, a passos de gigante!

De rastos pelo algar ao valle umbrio,
Dos recessos do val trepando a encosta,
Assim colleia o bando fugidio,
A ver se alcança a serra sobreposta,
Onde o peninsular aguarda e vence
A legião regular mais bem disposta!

Pepito segue os bravos companheiros,
Sereno, concentrado, audaz e forte.
No assalto á brecha fôra dos primeiros;
Agora, partilhando a mesma sorte
Dos leaes camaradas, desafia
Quem com mais brios affrontar a morte!

Os teus maiores, n'essa mesma serra,
De traz das balsas, d'entre a sebe viva,
Já obrigaram a morder a terra
Os invenciveis da phalange altiva,
Com que invadira o solo da Peninsula
O despota-bandido, o deus da guerra!

Lograram embrenhar-se na montanha,
Escapando ao furor dos aggressores.
Crescia a agitação em toda a Hespanha,
E crescia, nos féros luctadores
Dos dois campos, a sede de combate!
Era a guerra civil e os seus horrores!

Dos casaes, dos logares, das aldeias,
Á voz do nosso Pepe e do seu bando,
No fraternal amor de taes ideias,
Novas forças se lhe iam ajuntando.
A crença, a fé, os odios, os affectos,
Tudo era vivo, e nobre, e formidando!

Ao cabo de alguns dias, acampados
Nos impervios da serra, os guerrilheiros,
Numerosos e bem disciplinados,
Aguardavam por outros companheiros.
O sitio era propicio: agua corrente,
E colmado de enormes castanheiros.

Com quanto fosse outono, o frio agudo
Começava a morder. Vamos agora
Descrever n'outro metro, e por miudo,
A guerrilha animada e palradora;
Convertendo essa noite de *bivaque*
N'uma noite de festa encantadora!

. . . .

EM VENEZA

DEPOIS DA NOTICIA DA MORTE DE GONÇALVES CRESPO



Desponta a luz!... No azul immaculado
Voam as pombas mansas em bandada.
Estremece o canal, como accordado,
Ao primitivo beijo da alvorada.

Rutila o sol na esplendida grandeza
Dos marmores ducaes! Referve o dia!
Mas só, cahindo a noite, principia
A despertar a morbida Veneza!...

Pois aqui, onde ha lagrimas e ha dôres,
Renovam-se os clarões das madrugadas,
No firmamento as noites estrelladas,
No coração o amor, no campo as flôres!

Ó poeta!—Onde estás realisaste
A aspiração suprema do ideal?
Seria um sonho quanto tu cantaste?!...
Será o nada a vida perennal?!

Veneza, junho 22, 1883.

A UMA NOIVA

—M. da L. B. L.—

NO DIA DO SEU CASAMENTO



Bemdita sejas, Luz, que vens trazer ao lar,
Da virtude e do amor o preito mais fecundo:
Conquistas o porvir no sacrosanto altar.
Laço dado por Deus não se desfaz no mundo!

Janeiro, 30, 1888.

———

A FILHA DO FUZILADO

Saltava-lhe a trança, ás ondas!
    Rosto moreno,
Bocca breve, mão pequena,
    Pé mais pequeno.

Saltava-lhe a trança, ás ondas,
    Negra retinta...
Os olhos... Ai!—dois luzeiros,
    Que ninguem pinta!

Sobre as espaduas redondas,
Quando rompia a bailar,
Com mais sal que tem o mar,
Saltava-lhe a trança, ás ondas!

Agora canta, coitada!
Os olhos n'um mar de pranto!...
Vejam como é triste o canto!

—'A gente má fuzilou-me
Meu pae, um dia!
E minha mãe bem o soube,
Q'inda vivia...
Mas logo depois morria!

'O carro, que leva os mortos,
Passou por aqui,
E o meu pae e mãe lá iam!...
Iam os dois abraçados,
Que eu bem os vi!

'Por tornal-os a ver dera
O dedo da mão direita,
Que mais falta me fizera!

'Ai! De quem fica no mundo,
Inda pequena,
Sem pae nem mãe, toda a gente
Deve ter pena!

'Um rei, que é moço e tem filhos,
Podia haver-me valido...
Que Deus lhe não tome contas
De tirar o pae á filha,
E á mulher o seu marido!

'Dae uma esmola á orphãsinha,
Por caridade—ó senhor!
Meu pae morreu fuzilado!
Minha mãe morreu de dôr!

'O carro que leva os mortos
Passou por aqui;
E o meu pae e mãe lá iam!
Iam os dois abraçados,
Que eu bem os vi!'

Julho 5, 1884.

MATER DOLOROSA!



Depois do incendio a mãe tinha, nos braços
Um filho moribundo,
Nos olhos uma lagrima. Senhor!
De quanto n'este mundo,
E por esses espaços,
Surgiu ao teu alento creador,
Não ha nada maior do que esta lagrima
Do poema do amor!

1888.

AS COMPANHEIRITAS



Vem o sol a descer. Cançado peregrino,
Vou-me chegando ao lar antes da noite, emfim;
Mas levo um companheiro—o riso crystallino
Da vossa mocidade, e canta dentro em mim!

Pombas do espaço azul, alegres companheiras
D'alguns dias de paz, a aurora vos inunda.
N'essas almas respira a flôr das laranjeiras:
Daes perfume e calor a quanto vos circunda!

Caminhar sem receio. Avante na jornada.
Tendes para luctar vigor da juventude,
E mais que juventude, outra propicia fada,
Que se occulta na sombra, e chama-se virtude.

Da vernal estação botões immaculados,
Dentro em breve porvir desabrochando em flôr,
Com generosa mão pagae, e redobrados,
Juros de gratidão ao paternal amor.

Dentro do proprio lar tendes o eterno exemplo
Do que vale esse amor, que affrontaria a cruz;
E os pequenos e os bons, tornando o lar um templo,
Quando adoram os paes adoram a Jesus!

Netas, filhas, irmãs—que genial poema
Palpita n'este instante em vossos corações!...
Poema não escripto, esplendido diadema,
Feito de etherea luz, de beijos e canções!

Inda uma vez, adeus! Cançado peregrino,
Antes de posto o sol, vou-me chegando ao lar.
Vou sereno e feliz, que o riso crystallino
Do vosso casto amor me vem acompanhar!

Anadia, setembro 30, 1885.

AURORA E NOITE

Tinha o rosto infantil, faces redondas;
Animada de côr: era morena.
O pé pequeno, a mão tambem pequena;
O cabello retinto
Vinha beijar-lhe os pés, saltando ás ondas!

Toda a casa era pouca
Para a sua ambição desenfreada.
N'um labyrintho
Trazia o pae, a mãe, e a avó, coitada!

N'aquella bocca
Brincava o riso ingenuo das creanças.
Que aurora fresca e pura!
Quando amimava alguem tinha a candura,
Que tem as pombas mansas!

Já completos os quinze foi a um baile.
Ó noite rutilante!...
Uma valsa, uma valsa!... N'esse instante
Faiscavam-lhe os olhos de alegria!
Ah! tinha mais clarões aquella noite
Que um esplendido dia!

Creança encantadora,
Como eu te vi radiante de ventura
Até romper a aurora!...
E um mez depois, deixando a noite escura
Em derredor de ti, pallida e fria,
Como eu te vi, Maria,
Cahir na sepultura!

Janeiro 21, 1883.

LAGRIMA SANTA



Acudindo á puericia na orphandade
Com solicito amor,
Uma lagrima santa de piedade
Cae sobre quem é pobre e pequenino,
Como a gotta d'orvalho crystallino,
Cae sobre a flôr!

Abril, 1886.



Á MINHA LADY



Tenho-a alli, enterrada n'um canteiro,
A minha companheira das caçadas.
Como vinha alegrar-me as madrugadas!
Como batia o monte o dia inteiro!

Com ser inda mais mansa que um cordeiro,
Quando alguem simulou dar-me pancadas,
Atirou-se-lhe ás pernas, ás dentadas,
Truculenta e feroz como um rafeiro!

Um dia, no momento derradeiro,
Poz em mim as pupillas enturvadas...
A minha companheira das caçadas,
Tenho-a alli—enterrada n'um canteiro!

Dezembro, 1886.

NOIVADO NA ALDEIA



—'Andaram na aldeia,
Ha bem poucos dias,
Alguns da cidade,
Prégando heresias!

Botaram-se aos santos,
Ao padre prior,
E até contenderam
Com Nosso Senhor!'

—'Ouviste los homens?'
—'Ouvi-os, Iria.'
—'Que vae na cidade,
Com tanta heresia!'

—'Dois annos que eu fôra
Mais velho, abastava.
Levasse-me o démo,
Se os não estoirava!

A fructa é avondo.
Ao que mostra, o pão
Não cabe nas eiras!
E o vinho?!... Isso então!

Nunca vi um maio
Tão bem assombrado.
Assim Deus nos guarde
D'algum mau olhado!

Que a tal gente brava
D'aquelle pensar
É capaz trazer-nos
A peste ao logar!'

—'Escuta, ó meu Carlos...
—'Dize tu, Iria.'
—'Bateram Trindades,
E eu cá entendia—

Á minha madrinha,
Que é Nossa Senhora,
Ir a gente juntos,
E resar-lhe agora!'

Entraram na ermida,
E o Carlos e a Iria,
Cortados de medo
Por tanta heresia,
Rogaram, mãos postas,
Á Virgem Maria!

Quatro annos contados,
Depois d'esse dia,
N'uma manhãsinha,
Mal o sol rompia,
Na mesma capella
De Santa Maria,
Casavam-se uns noivos—
O Carlos e a Iria.

Março 16, 1887.

PROGRESSO NA ALDEIA

—'Ninguem me lo diga,
Que eu tenho por certo,
Que tu, rapariga,
Dás trela ao Norberto!

Tem sempre cautela;
Que a mãe, se te pilha
De amostra á janella,
Arranja-te, filha!'

—'Pancada?!... Ora essa!...
Com quinze, contados,
E tendo promessa
De tres namorados—

O Antão da Abrunhosa,
Com casa aqui perto;
O Amaro da Rosa,
E agora o Norberto!

O ginja do velho!
O mosquinha morta,
Metter o bedelho
No que não lhe importa!

Pensa o mafarrico,
Qu'inda estou no berço!
Adeus, ó meu rico,
Vá resar o terço.

Nasci na cidade!'...
—'Pois bem, rapariga,
Para a tua edade...
Que Deus te bemdiga!'

Julho 2, 1888.

NÃO MORRESTE!

A IDA CASTILHO

Não morreste! que eu vejo-te, sorrindo,
N'um raio do luar pallido e frio,
Na flôr agreste do pomar sombrio,
Na estrella a rutilar no azul infindo!

Não morreste! Sereno refulgindo
Teu olhar, transparente como o rio
Batido dos clarões do sol do estio,
Nas alturas do espaço inda é mais lindo!

Não morreste! Graciosa como outr'ora,
Palpitando d'amor a tua vida
Nas harpas dos cyprestes canta agora!

Viverás, minha pomba estremecida,
Em quanto houver no céo rosas d'aurora,
E no campo um botão de margarida!

Dezembro 21, 1886.

A A. M. DE FONTES PEREIRA DE MELLO

EPITAPHIO



Luctou d'aurora á noite, audaz, sereno, e forte;
E sorria, ao brandir a espada rutilante!
Ninguem teve mais luz no batalhar constante;
Menos sombras ninguem, quando chegou a morte!

Janeiro 21, 1888.



ELLA E ELLE

Era um dia de inverno, alegre, azul, esplendido.
Vinha o pae com os dois, duas gentís creanças;
Ella e elle a gorgear como avesitas mansas,
Quando pairam nos céos inundadas de luz!

Poucos annos depois entrei no cemiterio,
Acompanhando á valla inda mais um irmão!
N'um cantinho florido, ella e elle, em botão,
Jaziam sós, dormindo á sombra d'uma cruz!

Lembrei-me então do pae e d'esse dia esplendido,
Em que o sol lhe inundava os filhos infantís;
Em que, voltando a casa, airosos colibrís,
A mãe alvoroçada os abraçou tambem!

A mãe, a mãe, a mãe! Quasi no mesmo dia
Succumbiram-lhe os dois, e á desastrada sorte
Nem sequer lhe acudir compadecida a morte!...
A mãe, a mãe, a mãe! Que desgraçada mãe!!

Porto-Brandão, agosto, 1887.

DEPOIS DOS TERREMOTOS

DE HESPANHA



Quando eu era moço, um dia,
Na formosa Andaluzia,
Uma graciosa creança
    Deu-me uma flôr,
Que tirou da negra trança.

Desditosa Andaluzia,
Devolvo-te agora a flôr...
Ah! mas volta transformada
N'uma lagrima de dôr!

Março, 1885.

VOLTANDO DE CHAUL

D. Francisco d'Almeida, o pae desventurado,
Voltara de Chaul, sombrio, concentrado,
Sedento inda de sangue, apoz aquelle horror!

Foi dar graças ao templo. Em Christo Redemptor
Cravou o torvo olhar, e, na feroz vindicta,
Offertou a Jesus a matança inaudita!

Trafaria, junho, 1881.

O GENIO E A INVEJA

Doirava o sol, no occaso, as nuvens côr de rosa,
Sacudindo na vaga a juba luminosa.

Affonso d'Albuquerque, o grande capitão,
Tinha tomado Hormuz. Ufano o coração
Pela conquista audaz, vinha cravando a vista
Sobre Goa—a soberba—outra maior conquista!....

E depois a Malaca!... E depois desviar
As correntes do Nilo, e assim exterminar
O turco assolador, o inimigo mortal,
Dando um imperio novo ao velho Portugal!

N'aquelle seio inquieto andavam a luctar
As ondas da ambição, como as do vasto mar!
E, em quanto o seu olhar no immenso se perdia,
Na sombra do gigante a inveja remordia!

Trafaria, junho, 1881.

A MINHA MÃE

Minha irmã, na adolescencia,
Eu, pequeno; minha mãe,
Na robustez da existencia;
Meu pae, na força tambem.

Um dia, pela manhã,
Sahindo, com bom aspecto,
Meu pae beijou minha irmã,
E a mim com egual affecto!

Eu fui clamando atraz d'elle:
—Volte cedo! sim?... Adeus!
—Adeus, filhos!... Foi aquelle
O adeus derradeiro aos seus!!

Passado o lance fatal,
Na casa... uma noite escura,
Enorme, fria, mortal...
Mais triste que a sepultura!

Vendo-nos orphãos—depois
Do furacão improviso—
Minha mãe sorria aos dois...
Que dôr n'aquelle sorriso!

Sorriu a Virgem Maria,
Quando o filho Redemptor
Aos pés da cruz recebia!
Que amor, o das mães, Senhor!

Oh! que saber occultar,
N'um véo denso, a dôr suprema!
Calar, padecer, amar,
Sorrir... eis o seu poema!

Epopeia genial,
Onde, nos berços em flôr,
Jorra o peito maternal
O sangue vivo do amor!

Amor, que domina tudo,
Na sua ignota eloquencia,
Será frio, inerte, mudo,
Nada!... aos pés da Providencia?!

....

Mãe! que me deste em teus braços,
N'um beijo, o ideal divino,
Não terás, n'esses espaços,
Para mim outro destino?!

Monte de Caparica, junho 2, 1888.

O HEROE E O REI

Regressando de Hormuz, pela segunda vez,
Assente a fortaleza, o luctador lendario,
Firmava, emfim, no Oriente o imperio portuguez!

Pensativo e sereno—heroe extraordinario,
Sabia que o porvir lhe tinha certa a gloria,
E a torpe ingratidão affrontas do Calvario!

D'entre os homens, porém, sorria-lhe illusoria
A ideia que o seu rei—o ungido afortunado,
Lhe guardava um logar ao pé de si na historia!

Vinha á pôpa da nau, mirando o céo nublado,
E já no proprio olhar tambem lhe reflectia
Uma nuvem da morte o coração cançado!

Tão perto, no horizonte, o derradeiro dia,
E nem sombras de premio aos feitos rutilantes!
N'isto, a pouca distancia, um galeão surgia...

Cravou na embarcação a vista alguns instantes,
E alegrou-lhe o semblante, emmagrecido e triste,
Um subito clarão dos olhos penetrantes:

—'Meu Christo Redemptor, que tanta vez me ouviste
Clamar, entre infieis, teu nome sacrosanto,
E o da patria tambem, que um dia redimiste;

Quizeste-me cobrir com teu bemdito manto,
Que essa nau vem do reino, e traz-me certamente
A justiça d'el-rei, que eu lhe implorava ha tanto!

Jesus! meu Salvador! Filho de Deus potente!
Que na morte me valha o teu divino amor,
E ante os homens me acuda o teu olhar clemente!'

Cruzava perto a nau, e, cheia de rancor,
Disse uma voz felina:
'Entrega-me o poder,
Que el-rei de Portugal me fez governador!

Vingativo e feroz, mandaste-me prender!
Agora cae-me aos pés teu genio petulante,
E a meu braço terás, emfim, que obedecer!'

Como alevanta o mar o vento sibilante,
No tufão improviso, a colera suprema
Alvorotou, bramindo, o peito do gigante!

'Rei ingrato e vilão!—Cingi o teu diadema
De fulgidos clarões, pasmo da humanidade,
E tu pagas-me assim, traidor, n'est'hora extrema!

Bocca que ousou beijar, com baixa lenidade,
A mão que apunhalou o teu irmão carnal,
Devia remorder na minha lealdade!

Domina, sobranceiro, o imperio colossal,
Que o meu braço creou—monarcha rancoroso,
Tinta em sangue fraterno a purpura real!'

Depois, tornando a si, o genio portentoso
A cabeça inclinou no combatido peito,
E a voz lhe estrangulou soluço doloroso!

Co'a tarde abrira o céo. Das aguas do seu leito
Vinha apontando Gôa alegre no horizonte,
Trazendo-lhe á memoria o extraordinario feito!

Animou-lhe um fulgor a esmorecida fronte,
Quando, mais perto já, viu a campear a ermida,
Que em votivo signal mandara erguer no monte.

N'esse instante as visões da torrentosa vida
Surgiram em tropel n'aquella mente larga,
E inundada de luz na extrema despedida!

O estrondear dos canhões, o recrescer da carga!
Elle, á frente minaz das lanças prodigiosas,
Com a espada na mão, das frechas crespa a adarga!

Fugindo-lhe a ficção das scenas luminosas,
Ergueu a Deus o olhar, mortal e penitente!
E, ao expirar do sol nas vagas rumorosas,

Albuquerque expirou—astro tambem do Oriente!

Março 28, 1888.

IDYLLIOS

PRIMAVERA ETERNA!

Á MINHA PREDILECTA AMIGA

M. L. L. d'A.



Poisa a abelha na flôr, extrahe o mel, volteia,
Solicita e feliz, em torno da colmeia.
Sobre a doirada prole, amante e mãe, espera
A tutinegra o noivo. É plena primavera!

O sol, a faiscar, bate a caudal de prata,
Que do açude do oiteiro ao valle se desata.
Todo o prado é relvão, e no pomar sombrio
O fructo a intumescer lembra o calmoso estio.

Alegre, clina ao vento, o poldro da planura
Salva, d'um pulo, a valla, ufano da bravura!
O novilho brincão lá vae campina fóra,
Em procura da mãe, que o reclamou agora.

Canta ao longe, na costa, o mar de bom humor,
E alegre tambem canta o insecto zumbidor!
Concerto universal do amor e da virtude,
Eterna primavera, és tu, ó juventude!

Abril, 1883.

CAÇA REAL



O outono a loirejar por estes campos fóra!
No lagar ferve o mosto. Ao repontar da aurora,
O bando pueril e brincalhão se espalha,
Rabuscando na vinha, a ver se encontra esgalha.

No colmado do monte, ás tardes, já convida
O magusto estralante, e em roda uma partida
Dos rapazes do valle e mais das raparigas,
Celebrando o festim com bailes e cantigas.

Dentro em pouco regala, á volta da lareira,
O alegre crepitar dos tóros da azinheira;
E n'um brasido bom, com arte preparado,
No espêto a rechinar o lombo do cevado!

A incauta alvéloa entrou, e já tambem com ella,
O tralhão destinado ao laço da costella.

Não tardam no olival bandadas de estorninhos,
A escurecer o sol, vorazes e damninhos.

Logo o pombo torcaz.... Coiteiro, olá, cuidado!
Que, se a boleta abunda, arrasa-te o montado!

O abibe nos marneis é certo em poucos dias,
E as trambolas tambem, nas chãs e sesmarias.

Nos agros dos casaes e em terras alagadas
Deve, talvez, de haver narcejas arribadas.

Ás adens, vou jurar, que já lhe atira agora,
Quem for amanhecer por esse Tejo fóra.

Pelo tempo que vae, alerta! que, de certo,
Temos caça real, irmãos de Santo Huberto!

Ó dias juvenis!... Mas, apesar da edade,
Quando estas auras vem, resurjo á mocidade!

Porto Brandão, outubro, 1887.

GEORGICA

Por quanto a vista alcança, ondeia na planura,
Crespa do vento, á tarde, a messe já madura.

As caudaes de dezembro, a sede do arvoredo
Fartaram na raiz. Nas vinhas e olivedo
A novidade abunda, e temol-a vingada,
Se não cae de improviso alguma trovoada.

Pressuroso, conflue ás ceifas da campina
O ganhão do logar, e a gente peregrina,
Que vem da Beira alpestre, em marchas fadigosas,
Affrontar, na lezira, as febres paludosas!
Mas o salario é bom, e acodem esses dias
Á invernia cruel, nas bravas serranias!

Dardeja o sol a prumo! As joviaes cantigas
Cortaram-se na voz das proprias raparigas!

Mordido do tavão, partindo desvairado,
Busca em balde uma sombra, onde se acoite, o gado!

No pó que se alevanta, e se condensa no ar,
A sanha do calor parece coriscar!
Nem a paveia fulva, em montes, já se presta,
Pela altura do sol, ao descançar da sesta!

Na perdida arribana, até o guardador
Procura refugir do tempo abrasador!

Em nuvens o mosquito!... a peste carniceira,
Que, em cravando o farpão, exulta zombeteira!

Se ao menos, na fadiga, ás horas mais violentas,
Se podessem matar as sedes truculentas!...
Porém nas vastidões, sem termo, do horizonte,
Quem logra descobrir a veia d'uma fonte?!

Na zina da seccura, atiram-se, perdidos,
Á lodacenta valla, aos charcos corrompidos!

Cae, por mais de uma vez, no campo, suffocado,
Côr d'um preto retinto, o segador, coitado!
Quando o duvide alguem, soccorra-se á palavra
Do honrado agricultor, que o Riba-Tejo lavra.

E lembrar que no rio, á fresca dos salgueiros,
É rei o pescador!...
Coragem, pegureiros!
Além, lá muito além, aquella nuvem branca,
Que na serra apontou, traz-nos a aragem franca!

Não tarda a despregar-se a limpida nortada.
A rola, que arquejava, occulta na ramada,
Apesar de africana, agora revoando,
Já cae sobre os trigaes, a repastar em bando!

A rajada é mais longa, e curto o recalmão:
Signal de norte largo, em tardes de verão!

Mãos, com alma, ao trabalho, e venham as cantigas,
Emquanto a foice abate as tremulas espigas!

Recruzam, na campina, os lestes maioraes;
Relincha o poldro ufano; e volta dos juncaes,
Propicios pela calma, o toiro ao seu pascigo,
Onde tem feno a vondo, e tem á noite abrigo!

As eguas, que á debulha, hão de suar na lida,
Livres do jugo vil, folgam á boa vida!
Dos conjugios d'abril não as accende a chamma,
Que é n'ellas tão voraz como no cervo a brama!

O sol, ao vasto mar das messes resonantes,
No occaso ainda lhe joga as frechas rutilantes!

Já vae perdendo o céo a carregada tinta
Da plumbea calmaria—e todo se repinta
Do immaculado azul, que, em vindo as noites bellas,
Dá mais vivo realce ás lucidas estrellas!

O rancho juvenil das filhas do logar
Vae cantando e seguindo alegre para o lar!...

....

Que importa o labutar, logo de madrugada?!
É sempre uma canção a vida na alvorada!

Julho, 7, 1888.

SETEMBRO

A MANUEL PINHEIRO CHAGAS



No chão rojam da cêpa os cachos rescendentes.
Cahindo, de manhã, branduras mais frequentes,
Bem podes acudir a vasilhame novo,
Vender vinho de graça e do melhor ao povo.

Espadeiro retinto, ha muito me não lembro
Vel-o tão grado e bom na entrada de setembro;
Mas o arinto, talvez, inda lhe dá de rosto:
É repisal-o extreme, e então verás que mosto!

Nem mesmo a amigos teus, e da maior estima,
Não tendo no lagar o fructo da vindima,
Me consintas na vinha entrada a caçadores.
—Eu fallo contra mim, que sou dos amadores—
E é pena, que a perdiz levanta-se pintada,
Co'a prole atraz de si, por uma bacellada!

Bem assombrado outono! Assim o sol estivo
Appareça nublado e caia menos vivo;
Que, se aperta o calor e seguem logo as chuvas,
Não tens praga peor para arrasar-te as uvas.
Mas não succede tal; findaram as nortadas;
Veiu o vento mareiro e as noites orvalhadas.

Fructa que dá no tarde, apressa-te com ella,
Que ás vezes cae no outono a subita procella;
Vem propria para cama, e pelo inverno dentro
Tens a pera colmar sem maculas no centro.

Muscatel de pendura, em quanto o tempo brando
Lhe não estala a pelle, a deves ir colgando.

Aproveita tambem o figo que restar,
Para o passar ao sol, disposto no almanchar.

Como é bom respirar por esses campos fóra!
Gado, é raro de ver, nedio como este agora.
As vaccas mostram bem o farto do pascigo,
No tardio avançar ao seu agreste abrigo.

A ovelhada lá vem, antes que feche a noite,
A procurar, balando, o bardo onde se acoite;
E, aos silvos do pastor, redobra na carreira,
Levantando da estrada, em nuvens, a poeira.

O cabrito saltão, parece-me que o vejo
Do escarpado almaraz vir de roldão ao Tejo.

O remoto casal começa a fumegar.
São trindades. O sol afunda-se no mar...

Ó dias, que lá vão! Ó apartados dias
Da minha ingenua infancia e santas alegrias!
Ó rutilos clarões da fulva mocidade!
Tudo quanto acabou revive na saudade!
Bemdita sejas tu!—Finda a esperança, agora
Do passado nos dás o que foi bello outr'ora!

Vamos encosta acima. O olhar grato se espraia
Pelo umbrifero val, que vae bater na praia.

Nos echos nemoraes a voz das raparigas
Celebra o terminar d'asperrimas fadigas;
Mas n'aquelle gorgear, embora alegre, existe
Um vago relembrar d'alguma coisa triste!

Na canção popular ha sempre, lá no fundo,
Uma nota da cruz, que o povo tem no mundo!

Porto Brandão, setembro, 1887.

NO CAMPO E NO CIRCO

Ao dr. JOSÉ DE AVELLAR



Assomadas de abril!... Que dias crystallinos,
Após o inverno bravo, apontam peregrinos!

No enflorado relvão variados os matizes;
Nos prados da grisanda em bando as chamarizes,
Tamanhas da felosa, e alegres e palreiras,
Co'o pardal folião, terror das sementeiras.

A andorinha frechando insectos pelos ares;
O melro, a saltitar nos ramos dos pomares,
Rescendentes de flôr, constroe, alvoroçado,
Casa, onde a noiva esconda os fructos do noivado.

Que faiscar de luz! que azul! e que perfumes!
Vêm á terra outra vez os fulgurantes numes?!
Nos echos do choupal, do rio, e da lezira,
Orpheu encantador retoma a ignota lyra?!
Entôa, n'este instante, a ardente juventude
O hymno eterno do amor nas cordas do alaude?!

Rutilantes caudaes brotam da rocha viva:—
Fontes do campo agreste, em vindo a quadra estiva!
Perde o aspecto bravio o toiro sobranceiro,
Deitado no hervaçal, manso como um cordeiro!
Picado do pampilho, e se é de raça pura,
Leva tudo de vez nas pontas da armadura!
Mas agora, inda mesmo ao largo da manada,
O campino, se quer, o afasta á terroada.

Quando o vão apartar, para o correr na praça,
É que é vel-o a entonar-se em todo o brio e graça!
Farto de ruminar; o pello luzidio;
A orelha a estremecer; esperto o olhar bravio;
O focinho espumoso, aurindo na passagem
Os effluvios que vêm dos trevos da pastagem;
A cabeça minaz erguida altivamente,
E os cornos a imitar a lua em seu crescente!

Eil-o completo o curro. As chocas resonantes
Se incumbem de o levar aos pontos mais distantes.

Quando reponta algum nos plainos da lezira,
A vara sobraçando, o maioral o vira;
E é de ver o denodo e singular destreza
Com que sae vencedor d'esta arriscada empreza!

Ao chegar sobre a praia, assim que o boi de guia
Se atira ao Tejo a nado, áquella bizarria
Não fica nunca atraz o resto da boiada,
Que se joga á corrente, e rapido a transnada.

Ávante um pouco mais—e vamos á corrida.

Com quanto seja abril, a calma embravecida
Referve como em julho! A praça regorgita,
E em vozear descomposto a multidão se agita.

Do sexo encantador as almas delicadas
Gostam, com avidez, das barbaras toiradas!
Em Roma, inda a vestal, a flôr da castidade,
Adorava o vigor e brava heroicidade
Do gladiador membrudo; e quanto mais corria
O sangue em borbotões, mais sangue appetecia!

Que formoso animal, urrando, entrou na praça!
Boiante, muito pé, e não desmente a raça
Da feraz Gollegã, que outr'ora prosperara.
Dois passes de capote, e peguem-lhe de cara.

Outro vem como um raio, e é boi para cavallo!
Bravo! a sorte á estribeira!—Ah! nada de cortal-o,
Por em quanto, de capa. Um bicho assim é raro;
Tão bem posto, sanhudo, e sobretudo claro!

Podia desfeitear ainda o melhor toireiro,
Se não fosse o cavallo, alma do cavalleiro!

Que applausos, a cobrir o joven amador,
Hoje o mais elegante e destro picador!

Palmas a retumbar! Os lenços agitados!
E, com mão convulsiva os ramos atirados,
Quentes do palpitar dos seios juvenís,
Vão humilhar-se aos pés do lidador feliz!

O combate findou. Ás auras matutinas,
O gado lá se vae em busca das campinas;
E o toiro, que rompeu na arena enfurecido,
Manso, o torrão nativo invoca no mugido!

Voltemos nós tambem para o campestre exilio—
Dos annos invernaes sempre ridente idyllio!

Abril, 1887.

NUPCIAS

IDYLLIO PAGÃO

Olha—a primavera assoma!
Vê como trocam, a flux,
As rosas beijos de aroma,
E os astros beijos de luz!

Vamos pelos campos fóra.
És noiva: o noivo te espera.
Tivesse eu tambem agora
A minh'alma em primavera!

E, ao pé da rutila fonte,
Colmada da tilia em flôr,
Como o velho Anacreonte
Podesse cantar o amor!

Mas vem tu, que o teu sorriso
Á Grecia rouba um idyllio,
E repete de improviso
Versos do proprio Virgilio!

Chegaram de novo os dias
Dos aureos numes! Voltando
Para immortaes alegrias,
Que vida no ethereo bando!

O val nemoroso e umbrio,
Onde não entrou jámais
Um raio de sol de estio,
Tem rumores ideaes!

Das andorinhas palreiras
Já se approxima a colonia.
Bailam nymphas nas ribeiras,
Ao som de flauta midonia!

Cantam os nodosos troncos
Do pomar, que abrindo vem;
E até os penedos broncos
Parecem ter voz tambem!

São as abelhas do Hymetto,
Que andam a zumbir no prado.
E, pelo formoso aspecto,
Aquelle toiro raiado—

Tal qual o descreve Moscho—
Olho azul, cabeça erguida,
Encrespada d'oiro fosco,
Armadura alta e brunida;

Será um Deus? Vem raptar
D'esta encantadora estancia,
Europa, que anda a folgar
Co'as damas, socias da infancia?

Fujamos d'elle. É capaz,
Enganando-se comtigo,
De romper cego e minaz,
E arrebatar-te comsigo!

Corre, que o noivo te espera!
Celebra as nupcias o sol!
É madrinha a primavèra,
E padrinho o rouxinol!

....

Depois sombras mysteriosas...
E tu a trocar, a flux,
Como os astros, como as rosas,
Beijos de aroma e de luz!

Maio, 1886.

DERRADEIRA AMBIÇÃO!

Vi-te, a primeira vez, ao seio immaculado
De tua santa mãe—creança encantadora!
N'aquelle mesmo instante havias accordado.
Abrindo o teu olhar, como abre a flôr do prado,
Tinha o vago d'um sonho e a graça d'uma aurora!

Ufana, tua mãe erguia-te nos braços:
Tu batias as mãos rosadas, pequeninas,
Como, á beira do ninho, as aves das campinas
Batem a azita implume, em busca dos espaços!

Ah! creança de então, podesse eu ver-te agora
Unida a um filho meu; e, como tu outr'ora—
Na fria solidão, que para mim chegou—
Tambem uma creança, alegre, seductora,
Sorrir-me em teu regaço e balbuciar:—Avô!

Abril, 15, 1882.

INDICE



SATYRAS

CANÇÕES

IDYLLIOS

95
117
129
112





